

**A VARIAÇÃO E A MUDANÇA LINGUÍSTICAS PELA SOCIOLINGUÍSTICA:  
PRESSUPOSTOS PARA O ESTUDO DA LÍNGUA EM USO**

***THE LINGUISTIC VARIATION AND CHANGE BY SOCIOLINGUISTICS:  
ASSUMPTIONS FOR THE STUDY OF LANGUAGE IN USE***

Leandro Silveira de Araujo  
Doutor em Linguística e Língua Portuguesa  
Universidade Federal de Uberlândia  
(araujols@ufu.br)

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é discutir como a variação e a mudança linguísticas são definidas dentro do marco teórico da Sociolinguística Variacionista. Para tanto, iniciamos com uma breve discussão sobre como a Linguística moderna vem tratando a língua em seu efetivo funcionamento. Desse modo, observamos posturas investigativas que optam por uma abstração teórico-metodológica que dispensa a observação do entorno enunciativo no tratamento da linguagem, ao passo que outras vertentes não concebem o estudo da linguagem desassociado de seu contexto sócio-histórico-discursivo. Inserida nesse último grupo, a Sociolinguística Variacionista assenta-se sobre três fatos da linguagem, profundamente interrelacionáveis: a noção de (i) heterogeneidade ordenada e as percepções de que as (ii) línguas mudam constantemente e de que (iii) a linguagem carrega consigo mais do que simplesmente o significado de suas palavras. Após a discussão mais atenta de cada um desses pilares, podemos conferir que a linguagem está em constante construção, resultante das relações e negociações sociais. Em outros termos, conferimos que a Sociolinguística Variacionista não apenas se ocupa da descrição dos fenômenos de Variação e Mudança, mas também nutre o desenvolvimento teórico da Linguística moderna, posto que lhe concede importante informação sobre as línguas naturais, o homem e suas relações em sociedade.

**Palavras-chave:** Sociolinguística. Variação Linguística. Linguística. Epistemologia.

**ABSTRACT:** This paper aims at discussing how linguistic variation and change are defined within the theoretical framework of Variationist Sociolinguistics. For this purpose, we begin with a brief discussion on how modern Linguistics has been treating the language in its effective functioning. Thus, we observe questioning stances that choose a theoretical-methodological abstraction that exempts the observation of enunciative context in the processing of language, while other perspectives do not conceive the study of language disassociated from its socio-historical-discursive context. Inserted in this last group, the Variationist Sociolinguistics is based on three deeply interrelated facts of language: the notion of (i) orderly heterogeneity and the perceptions that (ii) languages change constantly and that (iii) language carries with it more than simply the meaning of its words. After a closer discussion of each of these pillars, we can see that language is constantly being constructed, which results from social relations and negotiations. In other words, we find that the Variationist Sociolinguistics not only deals with the description of the Variation and Change phenomena but also supplies the theoretical development of modern Linguistics, because it provides language investigators with important information about natural languages, man and their relations in society.

**Keywords:** Sociolinguistics. Linguistic Variation. Linguistics. Epistemology.

## Introdução

Conforme apontam Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 39), foi Hermann Paul (1846-1921) quem introduziu na linguística moderna o estudo da língua sem se preocupar com a observação sistemática do grupo de falantes a que pertence. Interessado em consolidar e estabelecer as bases da Linguística moderna, Saussure (1857-1913) também optou por distanciar, no estudo da linguagem, a língua do uso realizado por seus falantes, introduzindo a dicotomia **língua** (*langue*) e **fala** (*parole*). Aquela fora definida como o sistema abstrato, homogêneo, composto de todas as expressões potencialmente disponíveis no sistema linguístico e alvo da atenção investigativa. Por conseguinte, desprezou-se metodologicamente a **fala**, as manifestações efetivamente observadas no uso e caracterizadas, portanto, como individuais e heterogêneas.

Ao propor isolar *in vitro* o constructo teórico **língua**, o pai da Linguística moderna desobrigou momentaneamente o estudo do aspecto naturalmente social da linguagem. No entanto, mesmo havendo deliberado a favor da exclusão da “realidade social da língua” nos procedimentos investigativos iniciais da Linguística, Saussure (2006 [1916]) reconheceu a impossibilidade de uma **língua** existir longe do seu uso efetivo, junto a sua comunidade de fala (“massa falante”). Contudo, avalia que o estudo da língua, no momento histórico em que se encontrava, seria mais viável do modo como propôs.

Mesmo procedendo ao estudo da **língua** valendo-se de um recorte que limita a compreensão da sua real dimensão e funcionamento, o Estruturalismo cumpriu um importante papel para a consolidação da Linguística como uma disciplina científica. De modo que, promoveu, entre outros, a abolição das “noções preconcebidas de correção e incorreção, que eram paralelas aos conceitos de língua desenvolvida e de língua primitiva”, além de abrir caminho para novos enfoques no estudo da linguagem (CAMACHO, 2013, p. 30).

Com Chomsky, no fim da década de 1950, o “recorte se manteve sob outra denominação e sob nova direção teórica”. Agora o interesse era pelo conhecimento intuitivo do falante-ouvinte, “um objeto de natureza psicológica ou cognitiva, denominado **competência**”. Por outro lado, seguia-se descartando “os atos de fala, infinitamente variados, que, relegados ao conceito de **desempenho**, ficaram destituídos de qualquer importância teórico-metodológica” (CAMACHO, 2013, p. 34).

Para Bagno (2012, p. 38), o comportamento dicotômico que marcou o tratamento da linguagem no início da Linguística foi resultado de forte influência do “dualismo platônico”, caracterizado por um par de conceitos primordiais, sempre em oposição. Nos termos do autor:

Na filosofia de Platão, a oposição fundamental é entre o **mundo sensível** (fenomênico), aquele que pode ser apreendido pelos nossos sentidos – portanto, o mundo corpóreo, material, físico – e o mundo **cognoscível** (númenico), aquele que só pode ser apreendido pela nossa inteligência – portanto, o mundo mental, espiritual, metafísico (BAGNO, 2012, p. 38).

Uma vez que a linguagem é apreendida naturalmente por nossos sentidos, ela poderia ser considerada uma “cópia imperfeita do real”, de modo que proceder ao seu estudo exigiria do homem um recorte “cognoscível”, isto é, uma reflexão teórica abstrata e distante do, até então, apenas sentido, mas não compreendido na essência de seu funcionamento. Ainda segundo o autor, a “separação entre **linguagem** e **língua**, tão impregnada nas ciências linguísticas, é sintomática dessa filiação platônica” (BAGNO, 2012, p. 43).

Afastado geograficamente e ideologicamente da tradição linguística que se desenvolvia no ocidente, o círculo de Bakhtin (início do século XX<sup>1</sup>) se opôs a essa visão dualista e instaurou a necessidade de proceder ao estudo do funcionamento da linguagem respeitando a função social que desempenha. Tanto que Bakhtin (1997, p. 279) reconhece que “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua”. Frente a esse pressuposto, o autor encontra no **diálogo** o fundamento de sua teoria, posto que para o círculo bakhtiniano a existência da língua pressupõe uma relação social de interação dialógica. Como constructo teórico, o conceito de **diálogo** amplia-se e passa a ser mais do que a simples interação face a face, pois está presente em todo o uso da linguagem:

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja (BAKHTIN/ VOLOSHÍNOV, 2006, p. 125).

---

<sup>1</sup> A obra **Marxismo e Filosofia da Linguagem** é lançada em 1929 e, segundo estudiosos, tem autoria de Valentin Nikolaevich Voloshinov (1895-1936).

Segundo complementa Bagno (2012, p. 57), a concepção de língua defendida pelo grupo russo reconheceu a “enunciação” como um processo vital para o estudo da linguagem. Ademais, viu a língua como “um fato social, cuja existência se funda nas necessidades da comunicação”. Por conseguinte, difere-se da linguística saussuriana e pós-saussuriana por debruçar-se sobre “a fala, a *parole*, a enunciação, e afirmar sua natureza social, não individual” (BAGNO, 2012, p. 57).

De alguma maneira próxima à percepção de língua defendida pelo círculo bakhtiniano, vimos surgir, a partir da década de 1960, na América do Norte, a Sociolinguística – disciplina que concebe a “linguagem como um instrumento de comunicação empregado por uma comunidade de fala<sup>2</sup>” (LABOV, 1996 [1972], p. 41). Ao proceder ao estudo da língua considerando seu funcionamento e entorno de enunciação foi possível perceber que:

*The social class to which we belong imposes some norms of behavior on us and reinforces them by the strength of the example of the people with whom we associate most closely. The sub-elements of social class include education, occupation and type of housing, all of which play a role in determining the people with whom we will have daily contacts and more permanent relationships (CHAMBERS, 2003, p. 07)<sup>3</sup>.*

Assim, a grande contribuição dessa disciplina foi comprovar empiricamente e sistematicamente que a linguagem é uma manifestação da conduta humana e, como tal, traz à tona marcas do contexto social em que está inserida. Em outros termos, os falantes marcam a história e a identidade pessoais em sua fala; fornecendo, por conseguinte, coordenadas socioculturais, econômicas e geográficas, no tempo e no espaço (TAGLIAMONTE, 2006, p. 3). Isso só é possível devido à imbricada relação entre homem e linguagem:

[...] a linguagem é inseparável do homem e segue-o em todos os seus atos. [...] O desenvolvimento da linguagem está tão inextricavelmente ligado ao da personalidade de cada indivíduo, da terra natal, da nação,

<sup>2</sup> Segundo Labov (2008), a **comunidade de fala** é delimitada pelo compartilhamento de normas linguísticas e sociais, “essas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso” (LABOV, 2008, p.150).

<sup>3</sup> <Tradução nossa> “A classe social a que pertencemos impõe-nos algumas normas de comportamento e as reforça graças à força do exemplo das pessoas com que nos associamos com maior proximidade. Os subelementos da classe social incluem educação, ocupação, tipo de residência e desempenham um papel em determinar as pessoas com quem teremos contatos diários e relacionamentos mais permanentes (CHAMBERS, 2003, p.07).

da humanidade, da própria vida, que é possível indagar-se se ela não passa de um simples reflexo ou se ela não é tudo isso [...] (HJELMSLEV, 1975 [1961], p. 01).

Silva-Corvalán (1989) afirma ser vital, dentro Sociolinguística, a percepção de que a língua se organiza primariamente para cumprir uma função comunicativa e social, de modo que ao estudá-la como comportamento, a Sociolinguística se concentra na variedade de formas como a língua é usada e a trata como “objeto complexo no qual se conectam tanto as regras do sistema linguístico como as regras e fatores sociais que atuam no ato de comunicação” (SILVA-CORVALÁN, 1989, p. 2). Dessa feita, é possível relacionar os estudos sociolinguísticos a uma abordagem mais funcionalista, posto que, sob essa perspectiva, subordina-se o estudo da linguagem ao uso (funcionamento), respeitando os contextos sociais específicos em que ocorre.

Diferentes questões podem conduzir essa disciplina a diferentes modos de proceder à linguagem, originando enfoques como o da “Sociolinguística Variacionista”, da “Sociologia da Linguagem”, da “Etnografia da Linguagem”, entre outros (TAGLIAMONTE, 2012, p. 35). Tendo em vista nosso objetivo em observar como a Sociolinguística procede ao estudo da variação e mudança linguísticas, discorreremos especificamente sobre a tratamento da linguagem promovido pela Sociolinguística Variacionista.

Por meio de uma teoria e uma metodologia bem acuradas, a **Sociolinguística Variacionista** trata do exame da língua em seu contexto social a fim de encontrar solução a problemas próprios da teoria da linguagem, tais como a variação e a mudança linguísticas (CAMACHO, 2013, p. 36). Segundo ainda descreve Tagliamonte (2006),

[...] variationist sociolinguistics is most aptly described as the branch of linguistics which studies the foremost characteristics of language in balance with each other – linguistic structure and social structure; grammatical meaning and social meaning – those properties of language which require reference to both external (social) and internal (systemic) factors in their explanation (TAGLIAMONTE, 2006, p. 5)<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> <Tradução nossa> A Sociolinguística Variacionista é mais apropriadamente descrita como o ramo da linguística que estuda as principais características da linguagem em equilíbrio entre si – estrutura linguística e estrutura social; significado gramatical e significado social –, as propriedades da linguagem que requerem referência tanto dos fatores externos (sociais) e como dos internos (sistêmicos) em sua explicação (TAGLIAMONTE, 2006, p. 5).

Desse modo, busca-se relacionar a variação linguística, isto é, os elementos das línguas que variam (variável dependente) com outros fatores (variáveis independentes) que, de algum modo, afetam e auxiliam na compreensão do fenômeno variável. Esses fatores podem ser externos à língua – relacionados a aspectos do contexto social, da situação de enunciação, da idade e origem dos falantes –, ou internos a ela – relacionados ao entorno linguístico em que ocorrem os fenômenos em variação. É a partir desse procedimento que se identificam os padrões linguísticos que explicam os fenômenos sob investigação. Como veremos, esse conjunto de fatores que definem as variáveis previstas pelo sistema da língua podem ser observado, por exemplo, com o estudo do pronome sujeito em espanhol, do objeto direto anafórico no português brasileiro, da história do pronome de tratamento “você” e do uso de “ansim” em variedades rurais de São Paulo.

### **Objetos da sociolinguística variacionista**

Conforme delinea Tagliamonte (2006, p. 5), a Sociolinguística Variacionista assenta-se sobre três fatos da linguagem, profundamente interrelacionáveis e pouco abordados pela linguística geral: a noção de (i) **heterogeneidade ordenada** e as percepções de que as (ii) **línguas mudam constantemente** e de que (iii) a linguagem carrega consigo **mais do que simplesmente o significado** de suas palavras. Exploraremos um pouco mais essas características da linguagem nos parágrafos seguintes.

### **A heterogeneidade ordenada**

O primeiro pilar, referente à **heterogeneidade ordenada**, representa um rompimento com a tradição linguística até então estabelecida, permitindo uma renovação teórico-metodológica dos estudos da linguagem. Isso porque, até então, ignorava-se o comportamento variável da língua em uso, tratando-o, quando muito, como (i) um conflito entre dois sistemas linguísticos diferentes – de modo que a alternância de formas resultaria do encontro desses sistemas – ou (ii) como formas livres dentro de um mesmo sistema (LABOV, 2008, p. 221).

Com a consolidação da Sociolinguística Variacionista, verificou-se que a heterogeneidade é situação normal da língua em exercício numa sociedade complexa, pois, desse modo, satisfazem-se as demandas da vida cotidiana. Assim, começa-se

a apontar que a heterogeneidade não é aleatória, mas padronizada; podendo ser, portanto, alvo do interesse da Linguística, à medida que se descreve e caracteriza a natureza desse complexo sistema.

Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 36) defendem que “o domínio de um falante nativo de estruturas heterogêneas não tem a ver com multidialetalismo nem com o mero desempenho, mas é parte da competência linguística monolíngue”, a qual se mostra tão heterogênea e ordenada quanto na própria língua que utiliza o falante (FARACO, 2006).

Desse modo, compreende-se, por exemplo, a natureza variável dos pronomes de segunda pessoa do singular no português, no espanhol geral ou, mais especificamente, em variedades colombianas, como um fenômeno encaixado na gramática da língua/variedade. Isso porque a coexistência das formas “*tú*”, “*vos*”, “*usted*” não implica uma “variação livre” ou o “encontro de dois sistemas linguísticos”, mas o encaixamento, em um mesmo sistema, de formas que respondem a diferentes fatores linguísticos e extralinguísticos. Conforme descreve Carricaburo (1997), esses pronomes se acomodam tendo em vista a “origem diatópica” (na Colômbia, por exemplo, registram-se as três formas, ao passo que, na Espanha, não há registro de “*vos*”, com valor de segunda pessoa singular), a “situação socioeconômica” (em partes da Colômbia, “*tú*” é mais comum na classe alta) e o “grau de solidariedade” entre os falantes (sendo, na Colômbia, “*usted*” marca de menor solidariedade, “*tú*”, de solidariedade intermediária, e “*vos*”, de extrema solidariedade) (CARRICABURO, 1997, p. 40 e 41).

No português brasileiro, comprovamos a sistematização da heterogeneidade linguística observando, por exemplo, a realização do objeto direto anafórico (DUARTE, 1989 apud OMENA; DUARTE, 2013). Uma das variantes do referido complemento verbal, o clítico acusativo – de ocorrência pouco expressiva na fala (5%), resiste com as formas verbais de infinitivo e tempos de presente e pretérito perfeito do indicativo, tal como em:

- (1) Eu comecei a namorá-**lo** num carnaval, em março. Em julho, ele falou que ia casar comigo.
- (2) Eu conheci meu marido.... bem, eu **o** vi pela primeira vez num daqueles passeios que havia no Rio...

Segundo os dados de Duarte (1989), das 97 ocorrências de clítico encontrados na amostra, 55 (57%) acompanham o infinitivo e 41 (42%) tempos e presente e pretérito perfeito do indicativo, ocorrendo apenas um caso com gerúndio. Com as demais formas verbais, surgem as demais variantes de expressão do objeto direto anafórico, como o objeto nulo (3) e o pronome casual de caso reto (4).

- (3) Ela foi duas vezes lá pra explicar, e para empregada ficar *conhecendo ela*.
- (4) Mas pode acontecer também da senhora precisar de um dinheirinho extra. A senhora tem esses quadros, vende  $\emptyset$ .

Conforme ilustram os enunciados (3) e (4), o pronome de caso reto e o objeto nulo seguem, respectivamente, o gerúndio e o imperativo. Contudo, poderiam se repetir também junto a tempos compostos e formas de subjuntivo. Além dessa organicidade da estrutura linguística, também entram em pauta na definição dessa variável questões extralinguísticas, tais como a escolaridade do falante, o contexto de enunciação, entre outros. Isso porque, como mencionado, a variante “clítico acusativo” tem um uso muito escasso e geralmente associado a falantes de maior escolaridade em registro de maior formalidade.

Em síntese, o estudo dos pronomes sujeito e complemento nas diferentes línguas românicas permite-nos compreender como é possível afirmar que heterogeneidade linguística é estruturada/organizada e conhecida pelos falantes.

### **A mudança linguística**

Dentro do quadro da Sociolinguística Variacionista, a **mudança linguística** é vista como um fenômeno que resulta do cenário heterogêneo que naturalmente caracteriza o funcionamento da linguagem em seu contexto social. Tanto que Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 124) afirmam que “uma mudança linguística começa quando um dos muitos traços característicos da variação na fala se difunde através de um subgrupo específico da comunidade de fala”.

Nessa mesma direção, Labov (2008) afirma que a mudança não pode ser um fenômeno idiossincrático, posto que a língua é “um instrumento usado pelos membros da comunidade para se comunicar entre si”. Por conseguinte, “só podemos dizer que a língua mudou quando um **grupo** de falantes usa um padrão diferente para se comunicar entre si”. (LABOV, 2008, p. 320). Assim, a origem da mudança é marcada



por sua aceitação pelos outros membros da sociedade, de forma gradual e em profunda sintonia com as marcas sociais dos falantes que a vão adquirindo:

A mudança aparece primeiramente como um traço característico de um subgrupo, sem atrair a atenção particular de ninguém. À medida que avança dentro do grupo, ela pode também se difundir para fora, numa onda, afetando primeiramente os grupos sociais mais próximos do grupo de origem. Inevitavelmente, o traço linguístico fica associado com as características expressivas do grupo de origem, seja qual for o prestígio ou outros valores sociais associados a tal grupo pelos demais membros da comunidade de fala (LABOV, 2008, p. 366).

Evidenciando que a língua não se transforma por inteiro, de uma única vez, Nevalainen e Raumolin-Brunberg (2014) revisitam a descrição que faz Labov (1996, p. 146-151) de algumas mudanças fonológicas no inglês de Filadélfia (EUA) e propõem o mapeamento da progressão gradual da mudança por meio da seguinte escala de frequência:

Tipo	Percentual	Correlação social
Incipiente	≤15%	Sem correlação de idade ou social
Nova e vigorosa	15 – 35%	Fatores sociais tornam-se significantes
A meio caminho	36 – 65%	Fatores sociais enfraquecidos
Próxima à conclusão	65 – 85%	Diferenças sociais se nivelam
Concluída	≥85%	-

**Quadro 1: Do mapeamento da progressão da mudança**  
 Fonte: Nevalainen e Raumolin-Brunberg (2014, p. 55) – tradução nossa.

De algum modo semelhante, o estudo sincrônico de diferentes grupos etários de uma mesma comunidade de fala (numa análise de “tempo aparente”) também nos permite observar esse processo gradual da mudança. Na mesma direção, uma análise das diferentes variedades diatópicas de uma língua também pode refletir diferentes estágios de um processo de mudança convivendo ao mesmo tempo. Isso ocorre porque as diferenças de cada umas dessas variedades refletem particularidades históricas da comunidade em questão.

Assim, é possível que algumas comunidades de fala levem adiante processos de mudança que, em outras variedades, apenas estão iniciando. Ou ainda, conservem formas mais antigas, enquanto outras comunidades já completaram o processo de

mudança. Considerando o caráter gradual com que se dá esse fenômeno, a compreensão mútua interdiatópica não é prejudicada gravemente. Porém, graças ao princípio de **contiguidade geográfica**, quanto maior for a distância entre duas variedades, maior será o número de diferenças entre elas (PENY, 2004, p. 42).

Ainda sobre a contribuição do espaço para o estudo do processo de mudança linguística, Tagliamonte (2012, p. 351) identifica que as zonas diatópicas mais periféricas tendem a preservar formas obsoletas e padrões de estágios anteriores, configurando, assim, uma visão diacrônica dentro da sincronia. Por outro lado, as comunidades envolvidas em centros com maior pujança de desenvolvimento apresentam estados da língua que podem ser interpretados como mais avançados, no *continuum* de mudança.

Esse comportamento pode se dever ao fato de encontrarmos, nas regiões mais afastadas dos grandes centros urbanos, uma situação de maior restrição às interações comunicativas mais intensas e inovadoras – próprias dos grandes centros. Isso porque, sobretudo em países em desenvolvimento, as zonas mais periféricas apresentam maior dificuldade de acesso à energia elétrica, à escola, à internet e a outros meios de comunicação mais inovadores. Desse modo, “é bastante previsível que ali as pessoas falem de um modo que se distancia grandemente das variedades urbanas e que empreguem palavras e expressões antigas que já não são empregadas pelos falantes urbanos”. Contudo, é igualmente possível que, devido às necessidades específicas dessas comunidades, também surjam formas novas, desconhecidas das comunidades mais centralizadas e urbanizadas (BAGNO, 2012, p. 121).

Um exemplo de como as variedades mais distantes dos grandes centros conservam estruturas próprias de suas interações verbais é o uso do advérbio “ansim”, por “assim”, na cidade de Nova Granada – extremo norte de São Paulo. Como adverte o nome, essa cidade recebeu intensa migração de espanhóis, falantes que provavelmente trouxeram consigo essa variante lexical. A forma “ansi”, no espanhol moderno, transformou-se em “así”, no entanto, ainda pode ser observada muito escassamente em regiões rurais da Espanha. O povoamento da cidade paulista por espanhóis – de provável origem rural – e a limitação espacial e comunicativa desse município podem ter favorecido a transferência linguística e permanência da forma estrangeira na fala dos granadenses.

## Agentes impulsionadores da mudança

Voltando-nos aos agentes impulsionadores da mudança na língua, encontramos, segundo Coseriu (1990), duas forças potencialmente conflitantes, de origem social, que operam nesse processo. Trata-se de uma tendência mais inovadora e uma mais conservadora. O autor chama essas forças de universais linguísticos básicos de **criatividade** e **alteridade**, respectivamente. Enquanto a primeira se responsabiliza pela variação e a renovação da língua, a segunda se ocupa da uniformidade no idioma. Assim, ao longo da história das línguas, a **criatividade** manifesta-se como renovação das tradições e a **alteridade** como constância, firmeza e amplitude das tradições idiomáticas (COSERIU, 1990, p. 55).

Marcos Bagno (2012) afirma que a Sociolinguística revelou que a existência de uma língua e de sua comunidade de falantes é atravessada por essas forças de inovação e conservação, as quais são definidas por fatores **sócio-culturais** – decorrentes das dinâmicas de interação dos indivíduos e das populações de uma dada comunidade – e por fatores **sociocognitivos** – derivados do funcionamento do nosso cérebro quando processamos a língua que falamos.

Os fatores **sócio-culturais** ou **sociolinguísticos** são próprios de cada comunidade de fala; a depender, por exemplo, do tamanho de sua população, da distribuição dos papéis sociais, da maneira de interagir com outras comunidades, de sua hierarquia social, de seu sistema de ensino, do grau de desenvolvimento tecnológico, de sua integração às redes de comunicação, entre outros. “Como todos esses fatores são altamente variáveis de um lugar para o outro, os processos de mudança linguística decorrentes deles também serão altamente variáveis de um lugar para o outro”. Por sua vez, os fatores **sociocognitivos** configuram “tendências universais de mudança linguística”, posto que “todos os seres humanos compõem uma única espécie e dispõem dos mesmíssimos recursos intelectuais, da mesmíssima potencialidade cognitiva, do mesmíssimo cérebro e da mesma configuração fisiológica” (BAGNO, 2012, p. 124). Será, portanto, a interação dessas duas ordens de fatores que determinará o ritmo da mudança de uma língua.

Bagno (2012, p. 125) afirma que os fatores **sociocognitivos** constituem sempre forças **centrífugas** (inovadoras) no processo de mudança, isto é, “forças que agem de modo que a língua se afaste cada vez mais do que é, para se tornar o que será”. Por sua vez, os fatores **sócio-culturais** que intervêm na mudança linguística podem

constituir forças tanto **centrífugas** (“variação” e “contato linguístico”) como **centrípetas** (conservação) – isto é, forças que puxam a língua para o centro, contendo seu impulso de mudança.

As instituições sociais são os principais agentes dessa força **centrípetas** – exclusiva dos fatores **sócio-culturais**. A escola, por exemplo “tenta veicular uma cultura que está geralmente associada com as camadas sociais privilegiadas”. Há, no entanto, outros agentes, tais como a tradução literária, o trabalho de gramáticos e dicionaristas, a burocracia (sistema jurídico, legislativo etc), o aparato estatal, as instituições religiosas, a academia de línguas, os meios de comunicação e a escrita (BAGNO, 2012, p. 125 e 126). Todavia, é importante destacar que as **forças centrípetas**:

“conseguem somente conter ou atrasar por algum tempo a mudança linguística [...]. Elas jamais terão o poder de impedir totalmente nem (muito menos) para sempre essa mudança porque, sendo de natureza sociocognitiva, a mudança é muito mais poderosa do que qualquer outra força social institucionalizada (BAGNO, 2012, p. 127).

Entre as **forças centrífugas** dos fatores **sócio-culturais**, encontramos a **variação** e o **contato entre línguas**. Por sua vez, as **forças centrífugas** de ordem **sociocognitiva** podem ser identificadas, segundo Bagno (2012) nos universais de “economia linguística”, “gramaticalização” e “analogia”. O primeiro deles refere-se a mecanismos de mudança que reagem a dois impulsos: o de (i) “poupar a memória, o processamento mental e a realização física da língua, eliminando os aspectos redundantes e as articulações mais exigentes” e o de (ii) “preencher lacunas na gramática da língua, de modo a torná-la mais eficiente como instrumento de interação sociocomunicativa” (BAGNO, 2012, p. 147). São exemplos desses fenômenos: a assimilação, a síncope, a eliminação de distinções não funcionais, a crase, etc. Evidentemente, à medida que diminuem/eliminam alguns elementos da língua, esses mecanismos trazem consigo “novas” formas.

Desse modo, parece claro que a mudança linguística, nos termos de Marcos Bagno (2012), é resultado da constante e intensa interação de fatores socioculturais e sociocognitivos. Por isso é correto afirmar que sua origem, difusão e implementação estão estreitamente ligadas à história social de uma comunidade de fala. Essa interação de fatores pode ser observada na história da criação do pronome “você”, forma originada da locução substantiva “vossa mercê” – fórmula de tratamento

originalmente usada para se dirigir a reis –, que passa por uma série de acomodações funcionais e formais até culminar na forma mais reduzida e informal “cê”, tal como representado no fluxograma seguinte:

**Vossa Mercê > vossemecê > vosmecê > vosm'cê > voscê > você > ocê > cê**

Segundo Nascentes (1956, p. 114), esse pronome alterou-se fonética e semanticamente de tal modo que “mutilou extraordinariamente a sua forma e, de tratamento real, pronominalizando-se, chegou a tratamento empregado com inferiores”. Assim, “embora **você** se empregue de igual para igual, é usado com pessoas de condição inferior e muitas vezes pejorativamente”.

### **Princípios empíricos para uma teoria da mudança linguística**

Interessados em identificar fundamentos relevantes para o estudo da mudança linguística, Weinreich, Labov e Herzog (2006) apresentam-nos cinco **princípios empíricos para uma teoria da mudança linguística**, os quais são tratados, pelos autores, como problemas a serem resolvidos na análise da estrutura em mudança. Assim, o primeiro deles, relativo aos **fatores condicionantes**, “visa determinar o conjunto de mudanças possíveis e condições possíveis para a mudança”, posto que se reconhece que “nem toda combinação de fatores linguísticos e sociais tem sido observada em estudos até o momento, nem tem sido observada toda possível combinação de variáveis linguísticas” (p. 121). No caso da expressão do objeto direto anafórico, vimos que alguns desses fatores podem ser: o tempo e a forma do verbo, a escolaridade, o registro, entre outros.

O segundo princípio se orienta pelo problema da **transição**, isto é, pelo reconhecimento de que “entre quaisquer dois estágios observados de uma mudança em progresso, normalmente se tentaria descobrir o estágio interveniente que define a trilha pela qual a estrutura A evoluiu para a estrutura B” (p. 122). Por exemplo, o estudo diacrônico da formação do pronome “você” no português revela que a mudança entre “vossa mercê” e “você” não se deu abruptamente, mas gradualmente uma forma inovadora esteve em competição com a pré-existente, até que aquela prevalecesse em detrimento do completo apagamento desta.

O problema do **encaixamento** – terceiro princípio proposto – recorda-nos que as mudanças linguísticas devem ser vistas como encaixadas no sistema (socio)linguístico como um todo (p. 122). Isso é possível porque o modelo de língua

proposto pela sociolinguística compreende “estratos discretos, coexistentes, definidos pela coocorrência estrita, que são funcionalmente diferenciados e conjuntamente disponíveis a uma comunidade de fala” (p. 123). Assim é que se pode identificar, por exemplo, que os resquícios de uso do pronome clítico acusativo na modalidade falada do português brasileiro se dá junto a formas verbais de infinitivo e tempos de presente e pretérito perfeito do indicativo (DUARTE, 1989 apud OMENA; DUARTE, 2013), na variedade culta da língua.

Em síntese, com o problema do **encaixamento**, busca-se determinar o grau de correlação social e linguística que existe por detrás do uso. É importante destacar que “nos estágios iniciais e finais de uma mudança, pode haver muito pouca correlação com fatores sociais” (p. 123).

Em quarta posição, o problema da **avaliação** lida com o nível de consciência social sobre o processo de mudança linguística. Sabe-se que os “correlatos subjetivos da mudança são por natureza mais categóricos do que os padrões cambiantes do comportamento” (p. 124) e que nem sempre a comunidade de fala apresenta uma consciência explícita sobre o processo de variação e mudança que sofre dada estrutura da língua. Esse problema fica muito evidente no estudo da concordância no português brasileiro, haja vista que o uso de sintagmas sem concordância de número (Ex.: não trouxe os livroø) recebe uma avaliação negativa muito forte, gerando inclusive atos de preconceito e intolerância linguística contra o falante (LEITE, 2008; SCHERRE, 2005).

Por último, o problema da **implementação** acompanha o processo global da mudança linguística. Assim, identifica o início desse processo quando um dos elementos em variação na língua começa a ser difundido por um subgrupo específico da comunidade de fala. Esse elemento selecionado assume uma significação social que é correspondente aos valores sociais associados ao grupo que o difundiu inicialmente. Uma vez encaixada na estrutura da língua, a mudança vai se generalizando gradualmente a outros elementos do sistema. Assim, conforme alertam Weinreich, Labov e Herzog (2006), “o avanço da mudança linguística rumo à completação pode ser acompanhado de uma elevação no nível de consciência social da mudança e do estabelecimento de um estereótipo social”. Finalmente, a conclusão da mudança e a passagem da variável para o *status* de constante são acompanhadas

da perda de qualquer significado social atribuído à forma (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 124 e 125).

### **A identidade social**

Finalmente, a terceira premissa da sociolinguística variacionista repousa sobre a percepção de que ao mesmo tempo que a língua é usada para transmitir uma informação entre os membros de uma comunidade fala, ela também traz declarações indiretas sobre a comunidade, seu usuário e o contexto em que é instaurada – origem, idade, posição social, estilo, gênero/sexo, etc. Segundo Tagliamonte (2006, p. 7), a única forma de que todas essas informações possam ser realizadas ao mesmo tempo é porque a linguagem varia. Dessa maneira, as escolhas que os falantes fazem entre formas linguísticas variantes, disponíveis para comunicar a mesma coisa, frequentemente transmitem informações importantes sobre o contexto extralinguístico. Nesse sentido é que o uso dos pronomes de tratamento “Cê” ou “tu” podem indicar diferentes origines geográficas dos falantes brasileiros, bem como o uso marcado do clítico acusativo na posição de complemento anafórico pode indicar diferentes graus de formalidade linguística ou maior escolaridade do falante.

### **Considerações finais**

A conclusão da discussão suscitada neste trabalho permitiu-nos conhecer como a Sociolinguística Variacionista define-se como uma disciplina preocupada em descrever a linguagem como um mecanismo de interação social, definindo, portanto, a variação e a mudança linguísticas como comportamentos naturais das línguas naturais e resultantes das muitas interações do homem e de suas necessidades comunicativas. Nesse sentido, dentro dos pressupostos teóricos variacionistas, torna-se inviável o estudo da língua desconectada de seu entorno sócio-discursivo, posto que se reconhece que fatores de ordem linguística e extralinguística operam sistematicamente no emprego que fazemos da linguagem.

Assim, o funcionamento da língua é definido em sociedade e a complexa rede de fatores que determina esse funcionamento é adquirida pelo indivíduo em sua relação social. Graças a competência linguística do falante, naturalmente recupera-se esse conhecimento a todo momento em que se usa a língua.

Portanto, deve-se a Sociolinguística não apenas a identificação desses traços da linguagem verbal, mas também o desenvolvimento teórico da Linguística moderna, posto que lhe concede importante informação sobre as línguas naturais, o homem e suas relações em sociedade. Assim, é possível confrontar preceitos ultrapassados – como o de que alguns usos da língua são superiores a outros –, à medida que tomamos conhecimento de que a diversidade de usos da língua corresponde às muitas necessidades humanas e à complexa rede de interação social que se modifica frequentemente promovendo, por conseguinte, mudanças na língua.

## Referências

- BAGNO, M. Gramática pedagógica do português brasileiro. São Paulo: Parábola, 2012.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN/VOLOCHÍNOV. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- CAMACHO, R. G. **Da linguística formal à linguística social**. Parábola: 2013.
- CARRICABURO, N. **Las fórmulas de tratamiento en el español actual**. Madrid: Arco Libros, 1997.
- COSERIU, E. El español de américa y la unidad del idioma. In: SIMPOSIO DE FILOLOGÍA IBEROAMERICANA, 1, 1990, Sevilla. **Separata del I Simposio de filología iberoamericana**. Sevilla: Universidad de Sevilla, 1990. p. 43-75.
- DUARTE, M. E. L. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARALLO, Fernando (Org.). **Fotografias Sociolinguísticas**. Campinas: Pontes, 1989. p. 19-34.
- FARACO, C. A. Apresentação de um clássico. In: WEINREICH, Uriel; LABOV, Willian; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma mudança linguística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.
- HJELMSLEV, L. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- LABOV, W. **Principios del cambio linguístico: factores sociales**. Trad. Pedro Martín Butragueño. Madrid: Gredos, 2006. 2 v.
- \_\_\_\_\_. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2008.
- LEITE, Marli Quadros. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008.



NASCENTES, A. O tratamento de você no Brasil. **Letras**. Curitiba. v. 6, n. 05, p. 114 - 122, 1956.

NEVALAINEN, T.; RAUMOLIN-BRUNBERG, H. **Historical sociolinguistics: language change in Tudor and Stuart England**. Abingdon: Routledge, 2014.

OMENA, N. P.; DUARTE, M. E. L. Variáveis morfossintáticas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 81-88.

PENNY, R. **Variación y cambio en español**. Trad. Juan Sánchez Méndez. Madrid: Gredos, 2004.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. 27 ed. Trad. Antonio Chelini, Jose Paulo Paes e Izidro Bliktein. São Paulo: Cutrix, 2006.

SCHERRE, M. M. P. **Doa-se lindos filhotes de poodle. Variação linguística, mídia e preconceito**. São Paulo, Parábola, 2005.

SILVA-CORVALÁN, C. **Sociolinguística: teoría y análisis**. Madrid: Alhambra, 1989.

TAGLIAMONTE, SALI A. **Analysing sociolinguistic variation**. New York: Cambridge University Press, 2006.

TAGLIAMONTE, SALI A. **Variationist sociolinguistics: change, observation, interpretation**. Chichester: Wiley-Blackwell, 2012.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma mudança linguística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

Recebido em 29 de março de 2019  
Aprovado em 12 de julho de 2019